Eu que não sou dos mais velhos ainda alcancei tempo em que as *coroas de espinhos* e as *disciplinas de aço* representavam um papel saliente no processo da *salvação*. Era a mesma época, na qual predominava em ambos os sexos o costume selvagem de, só excetuando o cabelo da cabeça, capinar o corpo inteiro; e então o pedaço de navalha velha, que já não se prestava a este último serviço, passava a fazer parte dos instrumentos de penitência.

Ainda conservo bem viva a lembrança desse tempo, e não menos viva a impressão produzida por aqueles calmos e tenebrosos espetáculos da sandice humana, que se chamavam procissões de preces, procissões penitenciais. A terra, donde sou filho, demora em uma planície. As vistas que se lançam da porta do templo vão quebrar-se nas moitas sombrias, que bordam as margens de um rio. Estávamos numa sexta-feira de quaresma; a multidão de devotos não cabia na igreja. A procissão saía, levando na frente a cruz e a matraca. À medida, porém, que a linha do povo se ia distendendo e tomando jeitos de serpe, começavam a surgir dos esconderijos da beira do rio uns vultos brancos, mal distintos ao princípio, mas logo depois bem visíveis. Eram centenaes de idiotas religiosos, imoralmente envoltos em alvas saias femininas, com os rostos cobertos e as costas nuas, sobre as quais vibravam as *disciplinas* à esquerda e à direita, no mesmo ritmo em que os cavalos açoitam com as caudas incômodas *mutucas*.

O sol pendendo para o acaso e como que olhando de soslaio para aquele quadro repugnante dava ao sangue que já escorria do dorso dos míseros e nodoavallhes as roupas uma aparência de negrume, um aspecto asqueroso. Era uma coisa horrrosa; mas era a religião...

Não ficava aí. Ao espetáculo da tarde, que falava aos olhos, vinha o espetáculo da noite, especialmente preparado para o ouvido. Falo daquelas plangentes *encomendações de almas*, feitas a desoras, quando toda a parte reinavam o silêncio e o repouso. Um grupo de músicos saía a dar a medonha *serenata*; havia mesmo composições especiais para esse fim. Ainda me lembra que então passava pelo primor do gênero o respectivo trabalho de um componista mineiro, que viveu e fez época na minha província. Não se descreve a impressão recebida, quando a *capela* noturna começava a *encomendação* escrita em *fã menor*, com umas frases iniciais, que semelhavam soluços, e de repente, por uma transição mal sentida, o violoncelo batia na *terça maior*, e o baixo dizia silábica e monotonamente estas palavras de feroz increpação: peca-dor en-du-re-ci-do!!... Sentia-se o inferno! Mais de um velho acordava sobressaltado, e muita criança despertava chorando. Nem havia meio de respirar-se mais livremente, abrindo uma porta ou uma janela; pois que corria a tradição que quem isto praticava só via um *rebanho de ovelhas* (eram as almas), e logo após um frade sem cabeça, que dava uma vela de cera para guardar ao curioso observador, o qual, procurando-a de manhã, não a encontrava!!...

Sobre quem fosse realmente o frade, a teologia local ainda não estava bem assentada; as opiniões divergiam. Uns afirmavam que o *frade* não passava de uma *alma penada*; outros, porém, sustentavam que era o diabo disfarçado. Em todo o caso, ninguém ousava pôr em dúvida a necessidade de *rezar pelos mortos*, para aliviá-los das suas penas, e de rezar por si mesmo, para livrar-se do peso das próprias culpas. Sempre no fundo uma religião de culpados, uma religião de criminosos. E a impressão de terror, que tantas vezes experimentou o menino de outrora, não deixa de repercutir dolorosamente nas idéias e sentimentos do velho de hoje!